

Governo está sem feição

GAUDÊNCIO TORQUATO

13 FEV 1995

É muito discurso para pouco governo. É muito diagnóstico para pouca ação. É, para complicar a equação, é muito isolamento para um presidente angustiado com sua popularidade decrescente. Esse é o primeiro retrato do governo Fernando Henrique Cardoso. A montagem da estrutura ainda não se completou, em função da disputa partidária em torno dos cargos de segundo e terceiro escalões. Os caminhos da reforma constitucional são confusos e o Governo, mesmo tomando a iniciativa de apresentar suas primeiras propostas nos capítulos da ordem econômica e da organização do Estado, não formou consenso interno. A administração henriquista ainda não tomou feição.

Instalou-se uma Babel política. Ninguém sabe o que irá ocorrer e para onde o País caminhará. A única certeza, até agora, é a de que o poderoso lobby das montadoras, amparado pela bengala conhecida e generosa de gente que lhe é simpática no primeiro escalão do Governo, nocauteou, mais uma vez, os consumidores, com o aumento das alíquotas de importação para os carros importados. O País de FHC deu uma volta ao passado. Para criar o contraponto, coloca um ícone simpático do PT, a ex-deputada Irma Passoni, na equipe que vai democratizar as concessões de rádio e TV. Uma no cravo e outra na ferradura. Só que o aperto na ferradura tem alta conotação política, sentindo-se aí leve, cutucada no senador Antônio Carlos Magalhães, que tem alto poder de voz e voto. Uma forma de dar resposta à malvadeza do Toninho, que cunhou de hipocrisia a intenção do Governo de leiloar as concessões.

Os passos de caranguejo do governo FHC correspondem ao ritmo de quem está perdido no meio da floresta. Ir para lá ou para cá? Mudar ou não o sistema de rateio de impostos federais entre União, estados e municípios? Criar ou não novos impostos para aumentar a arrecadação? Que fatias de poder entregar aos partidos? Que critérios adotar para estabelecer igualdade entre os partidos que dão sustentação ao Governo? Dizer o quê para a sociedade, quando não há coisas concretas a anunciar? No meio de tantas dúvidas, não é surpresa a linguagem tatibitê que ecoa de Brasília. Os dois últimos discursos do Presidente — o primeiro para justificar a anistia a Lucena e o veto ao salário mínimo e o segundo para diagnosticar velhas mazelas e soluções óbvias para a educação — não trouxeram avanço, idéia nova, criatividade. O Presidente falou muito e disse pouco. A palavra, sozinha, sem ação que a acolha, se esgota em si mesma. No mundo moderno, o marketing exclusivo da palavra não forma identidade.

Se o Governo não possui ações concretas e vegeta no plano das constatações óbvias, o setor político se encolheu. Está amorfo. Também não apresenta propostas. A partilha de cargos e pedaços da máquina têm paralisado a administração pública. E não há o propalado sucesso de alguns ministros. Quais? Que ações concretas e criativas estão sendo implantadas? Diagnosticar a falência do sistema educacional é mérito? A vida ilibada e a seriedade de ministros não são sinônimos de resultados em suas pastas. Atender a classe política não é pré-requisito para o conceito de exce-

lência de gestão. A imprensa está elegendo ministros de primeira e segunda classes a seu bel-prazer, sem critérios e sem profundidade. A cobertura noticiosa de Brasília é um painel de coisas vistas.

O País está a carecer, neste momento, de união das forças políticas em torno de prioridades. Os partidos não podem esperar que propostas de reforma constitucional lhe sejam apresentadas. Precisam tomar a iniciativa. Faria muito bem ao Presidente um banho de contatos e articulações com setores expressivos da sociedade. Está muito isolado, preso à burocracia de reuniões e pela ótica dos seminários tucanos. A vaidade exagerada acaba adensando as camadas de pó sobre a imagem. Pó que não resiste a um jorro de água. (E, sabe-se, FHC não é lá muito dado à modéstia). É um erro querer a usar a mídia para compensar a falta de propostas concretas e claras. O Governo precisa mesmo é deslanchar.

É claro que ao se iniciar, um governo deve preparar a casa, planejar, normatizar, recompor o orçamento, aplainar os caminhos. Fica a impressão, porém, que essas tarefas estão muito acentuadas, em detrimento de operações de campo, realizações concretas, programas de sensibilidade social. As coisas mais visíveis do Governo infelizmente não passaram pela aprovação popular, fato que realça sua inoperosidade. Mas como as coisas, por aqui, só funcionam depois do Carnaval, é de esperar que tudo seja diferente, já na quarta-feira de cinzas.

■ Gaudêncio Torquato é jornalista e professor titular da USP

JORNAL DE BRASÍLIA